

Pode-se reler o que evoquei sobre as perversões: essas pessoas que dizem que não são mais que instrumentos de Sua vontade... Esquecidos, dizia Lacan, que são carne e sangue e servos, até os ossos, do prazer. Não se é jamais instrumento anônimo senão para enrolar aquele que se faz mandatário, como imitar as aparências: maneira de indicar que se privilegia o hábito sobre a função.

Em economia de mercado, isso se formula assim: "Tudo é lucro."*, pelos meios das virtudes hipnóticas de um fetiche.

17

A longa carta de Elie Hirsch a seu irmão Hyacinthe a propósito da edição do seminário "As psicoses" de Jacques Lacan

Salonique, abril, 1983

Caro Hyacinthe,

Devo-lhe fazer uma confissão: todo esse reboiço psicanalítico que você me descreve de longa data, e o seu interesse, embora eu saiba o quão pouco você versa sobre as futilidades comuns, não faz mais que avivar uma curiosidade que – no passado – desenvolvi sem o seu conhecimento: eu estava às voltas com a leitura dos "Textos da Psicanálise". Provocado por eles, tenho estado um pouco afastado com relação àqueles com os quais estou acostumado; não sem, entretanto, encontrar nos debates que lhe interessam algumas constantes familiares.

Assim, por exemplo, tenho tomado o cuidado de ler com a atenção necessária a edição oficial – versão, deveria antes dizer – do seminário de J. Lacan sobre as psicoses¹. Tinha lido anteriormente, com o maior interesse, a transcrição oriunda parece, da estenografia, que circulava. Fui, então, reconduzido a um debate essencial do Talmud: o Torá fala a língua dos homens como sustentava o rabino Echmaél ben Elicha? Ou não fala a língua dos homens como sustentava antes o rabino Akiba? E não é ao fiel de Lacan que você é que lembrarei as dificuldades que há em querer estabelecer um texto que foi falado.

Lacan falava então. E, parece, o texto "dando fé" foi estabelecido oficialmente. E estabelecido a partir do quê? A partir do texto "incerto" que

¹ O Seminário "As psicoses", livro III, J. Lacan, texto estabelecido por J. A. Miller, Paris, Seuil, ed. 1981.

* Bénéf, no original corruptela de *bénéfice*. (N. da T.)

tenho em mãos. Não tenho qualquer dúvida disso já que, por exemplo, certos erros datilográficos se transmitiram de um a outro, e que regularmente as passagens obscuras de meu texto foram expurgadas ou especialmente reescritas na outra versão. O menor exame comparativo o demonstrará ao leitor menos informado como é meu caso, permito-me aí comprometer-me até ao ponto de lhe mandar, no que segue, certas observações que – ousado esperar – terão o valor, aos olhos de seus colegas, de levar J. Lacan a sério: apliquei a seu texto o método que ele mesmo preconizava, tendo pouco gosto pela toalete fixadora dos escritos oriundos da fala ao preço de lavar os embarços. Um texto ambíguo evoca comentários, sejam eles controversáveis e controversados, a que se associariam a ele. Assim, o texto não pertenceria a ninguém e não cessa de se escrever, o que lhe dá seu autêntico valor textual.

Estou igualmente interessado nos textos de Freud, e em suas traduções: tenho constatado suficientemente como, em definitivo, quer seja de língua estrangeira ao vernáculo, como – nas transcrições – de vernáculo a vernáculo, os problemas se reiteram sob a forma essencial, onde tradução, transcrição e interpretação se superpõem. Velho debate. Freud não foi o único a ver o espírito que o animava, e a letra desse espírito desviado, até traído.

Vou, portanto, enviar-lhe minhas observações concernentes a esse Seminário editado oficialmente de Lacan.

Opotei, em minha leitura, por permanecer tão perto quanto possível do texto de origem. Comecei a fazer essas observações quando constatei que a edição considerada tinha valor de leitura orientada, o que importava em características próprias: regularidades, insistências, antecipações, elisões, acréscimos, reescrituras, etc., discordantes com o original (se se pode qualificar assim um texto que circula sem que nenhuma publicação o ateste. Mas foi necessário para isso lhe dar um atestado que demonstra toda a corrupção?).

Descobri, portanto, uma reescritura do texto, que comportava, naquele que era o seu autor, por um lado, um esforço considerável para, reinterpretando-o e redistribuindo os termos, torná-lo, como se diz, legível e despojado de escórias e, por outro, uma negligência considerável da reflexão sobre certos pontos definitivamente bastante simples e que, pelo fato da opção geral que anima essa reflexão, exaltavam a carência sobre esses mesmos pontos (por certo, essenciais, me parece).

Redação, portanto, que quer ser rápida sem, por isso, se privar de seu ponto de vista, e essa versão, me parece, então, ter malogrado no duplo ponto de vista da fidelidade e da justeza.

Constatei, igualmente, à medida que minha leitura comparativa avançava, mais elisões e obstruções. Seu redator era premido pelo tempo? Coloquei-me a questão já que soube que a publicação desse Seminário, que deveria ocorrer enquanto Lacan estivesse vivo, foi regularmente adiada depois de

muitos anúncios no *Le Monde*, e que não foi senão após o falecimento de seu autor legítimo que se pôde encontrá-lo na livraria.

Lembrei-me de que um dos conselhos de Lacan concernente à sua obra era: o que não compreenderem, pulem, vocês aí voltarão depois. O redator da edição considerada tem certamente conhecimento desse conselho, já que o empregou sob uma forma seguramente *sui generis*: seja eliminando o que ele não compreendia, seja reescrevendo-o.

E meus colegas, mesmo os mais estranhos a todo interesse pela psicanálise, constataram que tal edição se apresenta como um resumo; o que está demonstrado em todo o seu percurso, mas se revela tanto mais notável quando se aproxima do fim do Seminário.

Preocupação permanente de encurtar, clarificar, encontrar a fórmula cursiva. Não ignoro que essa foi uma das preocupações de Lacan, mas que – justamente – o engajava previamente numa precaução marcando as acentuações e as inflexões que ele tinha como um estilo homogêneo às suas finalidades formadoras, congruente com a dimensão dialética de seu ensino: ele não reduzia as voltas necessárias, os desvios laterais, os equívocos que participam da didática analítica. Então, me chama a atenção essa afirmação: “Eu detesto o modo dogmático”² que se torna “Vocês sabem que minha maneira é dialética”³. Fundamentalmente, aliás, toda essa transcrição se revela preocupada em ir direto ao que lhe parece essencial, impaciente por eliminar as voltas, suspensões, condicionais, aporias.

Parece-me seguro que lhe falta considerar, como uma das regras de estabelecimento de um texto analítico, essa formulação de Lacan aplicável a seu próprio Seminário: “Se a psicanálise habita a linguagem, ela não poderia, sem se adulterar, desconhecê-la em seu discurso. É todo o sentido do que eu lhes ensino há alguns anos”⁴. Ora, tenho constatado, não sem divertimento (mas voltarei a isso), que, algumas linhas depois de ter citada exatamente essa frase de Lacan, o redator transforma esse apotegma “a colocação em relevo da psicose *não pode não ser* para nós o mais fecundo dos ensinamentos”⁵ em “a colocação em relevo da psicose *é* para nós o mais fecundo dos ensinamentos”⁶. Eu tinha, contudo, pensado poder tirar do ensinamento da análise que não se poderia julgar uma dupla negação como equivalente a uma afirmação. E encontro nesse tipo de reformulação um odor um pouco demais dogmático. Ora, justamente a propósito da oposição dogmática/dialética, encontro algumas linhas depois do exemplo que acabo de citar: “É

² Aula de 15.02.56.

³ Ed. p. 169.

⁴ Aula de 15.02.56.

⁵ Aula de 15.02.56.

⁶ Ed. p. 164.

nessa zona que se produz esse termo do qual me sirvo sem ou com razão, que se chama a *Verwerfung*⁷ se torna “é aí que se produz a *Verwerfung*”⁸.

Certos amigos meus talmudistas qualificariam minhas observações de *pilpoul**: maneira de designar um corte de cabelo em quatro. Continua-se a fazer agravo a toda disciplina freudiana, tenho escutado de meus correspondentes psicanalistas. E, de minha parte, não me parece que se possa justificar, de qualquer maneira, qualquer aplainamento que seja de um texto que poderia esclarecer o pensamento de Lacan. Ele próprio formulava, a propósito da *Carta 52* de Freud a Fliess, observações que valem para sua própria obra: “Vê-se, nessa famosa carta a Fliess, que nos foi entregue pelo intermediário de alguma mão fiel para chegar às minhas mãos, mais ou menos fiel ou testemunhal, é nos ser confiada com, devo dizer, uma série de cortes e expurgos que, qualquer que seja a sua justificativa, aparecem verdadeiramente a qualquer leitor como estritamente escandalosas, visto que nesta *carta 52* vocês vêm em que momento o texto é cortado, nada podendo justificar que um texto seja cortado no momento preciso onde um complemento, mesmo se considerado caduco ou fraco, nos esclareceria sobre o pensamento e a busca do próprio Freud...”⁹.

Ora, essa transcrição pulula tanto de eliminações de referências a Freud quanto de inumeráveis reescrituras da palavra de Lacan, que o próprio texto se torna reescritura expurgada.

Perguntei-me longamente sobre as razões de tal procedimento. São, acredito, simples: o que Lacan diz ser a alma do pensamento freudiano, a saber, suas aporias, é precisamente o que a transcrição ejetou do texto de Lacan, e, do mesmo modo, a título de uma “leitura retroativa” (parece que vai no mesmo sentido) – que, ao mesmo tempo, antecipa sobre os desenvolvimentos lacanianos ulteriores –, foram eliminadas as mesmas modalidades do percurso de Lacan que fazem parte integrante do progresso da análise e sobre as quais ninguém, sem destruir sua apreensão, pode sem escândalo produzir um *kherem*. Na comunidade judaica, isso se chama “excomunhão maior”, e de que Lacan se queixava já de ter sido, como Espinoza, objeto da parte dos seus.

Para ser um pouco mais preciso quanto a um estilo onde a roupagem prevalece sobre o interesse do texto, os leitores observarão como suputações, suposições, dúvidas, transformam-se em asserção: “Se é verdade que admitimos a existência de alguém que possa falar em uma língua que ignora to-

⁷ Aula de 15.02.56.

⁸ Ed. p. 170.

* Essa palavra também tem o sentido de: discussão sobre assunto religioso em escola judaica. (*N. da T.*)

⁹ Aula de 15.02.56.

almente, é a metáfora que escolhemos para dizer o que ele ignora na psicose”¹⁰ se torna: “Nós diremos que o sujeito psicótico ignora a língua em que fala”¹¹.

Isso pode tomar formas quase invisíveis, como: “O caráter fundamental das relações de todos os delírios é qualquer coisa que, vocês o vêem, é o que se propõe agora à nossa investigação”¹² que se tornam “as relações ao outro no delírio se propõem agora à nossa investigação”¹³. Como se, de início, o leitor fosse incapaz de ter lido no curso dos parágrafos precedentes que Lacan fala do outro nos delírios, para – pedagogicamente – lembrar-lhe descartando completamente esse “caráter fundamental”, demonstrado e lembrado no “vocês o vêem... agora”. Omito o que a fórmula resumida comporta de achatamento dos relevos.

Neste caso, tenho feito meu círculo meditar longamente sobre esse fragmento que lhe apresento integralmente e que, justamente, concerne ao *pilpoul* do qual lhe falava antes; porque, em suma – ainda que um pouco despojado – ele está restituído na dita versão, sem que, por isso, nada seja feito por quem o levaria a sério: “O que é importante é compreender o que se diz, e para compreender o que se diz é importante ver, por assim dizer, as dobras, as ressonâncias, as superposições, e podemos admitir todos os contra-sensos, que não são jamais contra-sensos feitos ao acaso. Mas o que é importante, é, para quem medita sobre o organismo da linguagem, saber o mais possível sobre ela ou seja, fazer, tanto a propósito de uma palavra, de um torneamento, quanto de uma locução, aplicá-la o mais plenamente possível, pois está bem-entendido que a linguagem joga inteiramente na ambigüidade, ou seja, que na maior parte do tempo vocês não sabem nada do que dizem, quer dizer que, em sua interlocução a mais corrente, a linguagem tem um valor puramente fictício, vocês emprestam ao outro o sentimento de que são capazes de dar a resposta que se espera, que não tem nenhuma relação com o que quer que isso seja possível aprofundar. A quase totalidade da linguagem e dos discursos efetivamente considerados são, com relação aos discursos, completamente fictícios”¹⁴.

Suprimindo, do que ele formula, as dobras, as ressonâncias, as superposições significativas, até os contra-sensos, não tornaria – no dizer mesmo de Lacan – fictício seu discurso? E não se poderia pensar que – para seu redator – a toaleta textual à qual ele se entrega incidia sobre o que ele julga participar da inutilidade, do excesso, até da ficção do discurso? Os meus, por pouco informados que sejam da psicanálise, mas sabendo ler, encontram,

¹⁰ Aula de 16.11.55.

¹¹ Ed. p. 20.

¹² Aula de 30.11.55.

¹³ Ed. p. 54.

¹⁴ Aula de 25.01.56.

nesse ponto, um desacordo maior, doutrinal e que não lhes parece fictício, do texto oral com o texto escrito: eles me fizeram observar, então, quão frequentes têm sido tais ocorrências da história onde as máscaras da fidelidade camuflam os piores desvios. Fazem-me igualmente observar que isso não era perceptível senão àquele que lê *verdadeiramente*; ora, a quase totalidade das leituras efetivamente feitas são leituras completamente fictícias, acrescentam. Um instante antes, eles me haviam passado algumas observações oriundas de sua própria leitura: “O que advém do discurso de Lacan, que participa disso que ele indica, o lapso, o fortuito, está corrigido nessa edição para tentar uma maneira tal que seu texto escape às leis do inconsciente”, ou ainda: “Esse parágrafo é ele próprio um comentário da versão. Não se escapa às leis do discurso. Quem quer descompletar os fichários, reduzir a ambigüidade da linguagem, não faz senão trair seu anelo de se mostrar capaz de dar a resposta que se espera”, “... isso conduz a um discurso desconectado com o que quer que seja possível aprofundar, e torna essa reescritura analiticamente fictícia”. Como você vê, eles aí colocam do seu, Rebeca sobretudo, que – ainda não demasiadamente atingida pelo recalçamento – acha todos os fichários insuficientes e polifoniza, segundo seu desejo todas as ambigüidades. É ela quem, no decorrer da leitura, estaca sobre “quem sou eu”¹⁵, reenviando à questão do sujeito, se torna “o que sou eu”¹⁶, reenviando à noção de objeto ainda pouco teorizada na obra de Lacan. Ela havia escutado essa frase: “Isto mereceria ser lembrado porque, se vocês não vêem que a originalidade da análise é a de ter colocado as coisas em relevo, pergunta-se o que vocês fazem na análise”¹⁷, aliás transformada em “se vocês não vêem que é a originalidade de Freud ter colocado a coisa em relevo, pergunta-se o que vocês fazem na análise”¹⁸.

Não tendo, aliás, por ora, nenhuma reverência excessiva a qualquer discurso instituído que seja, ela me pergunta se é suficiente ter lido Freud ou Lacan para estar na análise, se indagando mesmo saber se, não tendo lido nem Freud nem Lacan, mesmo estando em análise, invalidaria o que se descobre na experiência. Enfim, uma de suas antecessoras, que promete igualmente, me fazia observar como, frequentemente nessa versão, se opera de modo curioso a introdução do nome de Freud lá onde Lacan não o cita, enquanto que, lá onde Lacan o cita, está, às vezes, eliminado, diminuído* ou deslocado: assim “...Expressão alemã que vou empregar, que é a expressão que serve para o sujeito exprimir o modo de relação com o interlocutor fundamental, é mesmo graças a essa expressão que faremos lá, e somente depois

¹⁵ Aula de 14.03.56.

¹⁶ Ed. p. 191.

¹⁷ Aula de 18.01.56.

¹⁸ Ed. p. 111.

* *Minoré*. no original. (N. da T.).

de Freud, já que o próprio Freud a fez, uma continuidade entre os primeiros interlocutores do delírio e os últimos...”¹⁹ que produz: “...A expressão alemã que vou sublinhar depois de Freud exprime para o sujeito seu modo de relação essencial com o interlocutor fundamental e permite estabelecer uma continuidade entre os primeiros e os últimos interlocutores do delírio...”²⁰. Ou ainda: “Essa realidade que o sujeito há um momento elidia, ele tentará fazê-la ressurgir emprestando-lhe uma significação particular e um sentido secreto que chamamos simbólico *sem colocar aí sempre* o acento conveniente”²¹ se transforma em: “(o sujeito...) tenta fazê-la ressurgir emprestando-lhe uma significação particular que chamamos simbólica. Mas Freud não colocou aí todo o acento conveniente”²².

É necessário constatar que um leitor sensível ao uso das negações, à problemática que Freud desenvolveu sobre a denegação, aquela que Lacan destacou concernente às relações da denegação com o Nome-do-Pai e a forclusão, não poderá senão notar o dano infligido à inteligência do caminho de seu Mestre quando suas negações e duplas negações aí estão tão frequentemente substituídas por afirmações ou injunções. Assim: “É aí que devemos centrar nosso estudo do fenômeno, não temos bem-entendido nenhum meio já que não conhecemos esse sujeito, e que não podemos aí entrar aliás de uma maneira aprofundada a não ser pela fenomenologia de sua linguagem...”²³ se reduz a: “Já que não conhecemos o sujeito Schreber nós devemos estudá-lo pela fenomenologia de sua linguagem...”²⁴, onde cada um terá notado a introdução de “nós devemos”, texto seguido, no original, “é, portanto, em torno do fenômeno de linguagem, dos fenômenos de linguagem mais ou menos alucinados, parasitas, estranhos, intuitivos, persecutórios que se trata no caso de Schreber, que *nós temos a via para esboçar por aí o que pode nos esclarecer*, é por aí que *ele traz* uma dimensão nova não esclarecida até aqui na fenomenologia das psicoses”, que se torna “os fenômenos de linguagem mais ou menos alucinados, parasitas, estranhos, intuitivos, persecutórios, de que se trata no caso de Schreber, que *nós vamos esclarecer* uma dimensão nova...”. Aqui, você terá notado essa passagem de que era o próprio Schreber que trazia uma dimensão não esclarecida a – todos os aspectos reduzidos – um “nós vamos esclarecer”.

Por ter visto numerosos daqueles que me eram caros destruídos por diversos discursos coletivos, me têm despertado quanto à função dos afirmativos e imperativos em sua relação com a vida dos grupos. É porque tenho ob-

¹⁹ Aula de 1.02.56.

²⁰ Ed. p. 143.

²¹ Aula de 07.12.55.

²² Ed. p. 56.

²³ Aula de 18.01.56.

²⁴ Ed. p. 116.

servado a distância que há entre: “Tomar seu tempo *indica* já uma atitude de boa vontade que é aquela da qual sustento aqui a necessidade para avançar na estrutura do delfrio”²⁵ e “Tomar seu tempo *participa* dessa atitude de boa vontade...”²⁶. Você vê: entre o *que indica* e o *que participa*. Tive de explicar a um de meus vizinhos pouco acostumado às coisas da dialética a diferença entre pistas abertas e anéis de ferro. Sem sucesso, aliás. Eu contava com isso: Confúcio, tão cioso do “Bem Dizer”, deve ter se revirado em seu túmulo.

Enfim! Sinal dos tempos, passamos, portanto, da incitação à participação: tema, acredito eu saber, muito repetido na vida política da doce França. “Casos de estilo”, diriam alguns, eco do célebre: “O estilo é o homem”, af compreendidos aqueles que não respeitam em sua existência os modos linguageiros de Lacan.

Também você não se espantará com essa constatação: nesse Seminário, tudo o que tem relação à etologia, ao comportamentalismo, à psicologia aplicada, à lingüística, não está ou está pouco deformado enquanto que podemos constatar as distorções mais massivas e os erros mais numerosos cada vez que o Seminário é mais especialmente clínico, ou que o redator se aproxima dos pontos que lhe são mais problemáticos²⁷. Não acho sem interesse, pela economia desse Seminário e pela formação do psicanalista que ele busca, que seja precisamente a disciplina clínica que tenha mais a sofrer com tal versão.

Está me parecendo que um primeiro sobrevôo, outro que aquele que permite determinar como supressões, permutações, injunções, adjunções e disfarces na reescritura requer contudo, me parece, que uma atenção especial seja dada à maneira pela qual *Verneinung* e *Verwerfung* são af tratadas. As sim pode-se comparar, por exemplo, o Seminário de 15 de fevereiro de 1956 e ed. p. 171²⁸: onde se verá, uma vez mais, que essa temível questão da *Verneinung*, no tocante ao que coloca o que está na origem do julgamento, e da realidade de um sujeito, está simplificada pela via do resumo para dar o sentimento de um propósito homogêneo e coordenado, o que aliás se traduz pelo parágrafo considerado, na versão “oficial”, pela eliminação mesma do termo “duplicidade”, central na teoria de Lacan em relação ao significante, ao símbolo e – muito mais – à interpretação. Curioso, apesar de tudo...

Aliás um leitor preciso (não duvido que haja quem refaça o percurso que efetuei) se aperceberá de que no conjunto do Seminário algumas flutuações essenciais estão camufladas por fórmulas redutoras e indicativas con-

²⁵ Aula de 1.02.56

²⁶ Ed. p. 139.

²⁷ Comparar, por exemplo, aula de 09.05.56 e ed. p. 260.

²⁸ Seria muito longo consagrar-se aqui a uma análise comparativa da aula de 15.02.56 e da ed. p. 171.

cernentes especialmente à questão da realidade, àquela da aparência e da não-aparência, do julgamento e da função paterna. Em suma, começo eletivo disso que eu poderia chamar: uma clínica da trapaça*. Qual a razão desse tipo de tropeço, onde, por exemplo, essa *Verwerfung* extraída de Freud por Lacan é apresentada de um modo onde a parte de Freud se elide?

Note, igualmente, nessa mesma aula: “O que quer dizer um significante primordial? Nessa ocasião ele é perfeitamente claro, bem entendido que isso não quer dizer nada muito exatamente...” Transformado em: “O que quer dizer o significante primordial? É claro que muito exatamente, isso não quer dizer nada”²⁹.

Isso merece ser aprofundado: pode-se supor, já que a questão da relação de Lacan a Freud é, nesse texto, sistematicamente desviada, a ponto de af apagar o nome de Freud, que a dívida de Lacan com Freud é objeto de uma mascaração** tendo valor de uma reformulação da maneira pela qual a cadeia significante e as cadeias das gerações nos encadeiam verdadeiramente? Sabe-se pelo “homem dos ratos” o que lhe advém das dívidas de jogo não pagas por seu pai.

Seguramente, suprimir a enunciação de Lacan é suprimir seu desejo para travesti-lo de outro... Lacan se dirigia aos psicanalistas. A quem se dirige esse volume protegido por um *imprimatur*?

A Função Paterna

Sei o quanto Freud e Lacan se preocuparam com pequenos detalhes na análise. Não tenho cessado de af me deter. Mas os grandes detalhes também valem Assim “é que há um fosso muito mais profundo entre tudo o que está forcluído e tudo o que foi admitido na simbolização primitiva”³⁰ está eliminado da edição que tenho em mãos, e constato – fiel, me parece, ao que Lacan introduz – que essa elisão incide sobre as questões que eu lembrava anteriormente que introduzem aos próprios fundamentos do julgamento, subtraindo-se, então, o ponto de onde se poderia colocar o que origina uma certeza, e, simultaneamente, a maneira de se orientar entre aparência e não aparência: já chamei sua atenção mais acima.

Mas é bem certo que um leitor não informado não possa saber nada disso que, num texto transcrito ou reeditado, está “forcluído”. Lacan dizia: “É necessário partir do caso e ver como compreendê-lo, comentar; nós esta-

* *Passe-passe*, no original. (N. da T.)

²⁹ Ed. p. 171.

** *Masquage*, no original. (N. da T.)

³⁰ Aula de 11.01.56.

mos na via do que diz Freud comentando o caso³¹, acrescentando alguns instantes depois, “a primeira aproximação do caso é de ver a massa de fatos que vêm adiante, que assim mesmo têm sua importância e no que isso tem uma importância”. Subsiste: “é necessário partir do livro, como recomenda Freud³². O que está apagado é justamente o que chama a atenção sobre o caso e seu comentário, caso que se vê reportado a um livro: seria necessário fazer de modo que uma transcrição não possa ser tratada como um caso, até fazer de modo que uma transcrição não possa fazer caso?

Mas, há, então, um retorno possível a Freud como a Lacan? Texto falsificado, diriam alguns. Que se procure: “Não creio mesmo que tenha havido chances suficientes para que as pessoas somente tenham entendido todo o cuidado que tenho tentado tomar, para dar uma espécie de dimensão concreta, para fazer uma armação que permita apreender isso sobre o que colocamos o acento, lembrando o que a prática freudiana coloca em primeiro plano³³. Pode-se, sem forçar, formular que tal dimensão realiza exatamente isso do que Lacana se queixa: esforço para apagar seu esforço, como a queixa desse pagamento.

Pareceu-me que a insistência de Lacan no tocante à função do pai era tal que não se pode escamotear o que nisso ele avançava, tanto mais que daí se engajava o que, para um sujeito, ordenará sua realidade entre neurose e psicose. Daí meu assombro quanto constatei, a esse propósito, que tudo isso havia sido tratado como dejetos³⁴. Queira, por exemplo, comparar o que se torna, que cito por inteiro: “Podemos também colocar a questão em sentido inverso, a saber, o que é que se passa quando a realidade da coisa falta, quando não há nada para representá-la em sua verdade, quando, por exemplo, o registro do pai, em sua função essencial, no fato que ele é pensado como pai, com todas as conotações que esse termo implica, porque o pai não é somente o gerador, porque ele é muitas outras coisas ainda, que ele é aquele que possui a mãe, que ele é aquele que a possui de direito, que ele é aquele que a possui em princípio em paz, que os registros e as funções dessa existência, e sobretudo a maneira pela qual ele vai intervir na formação, para o conflito, para a realização do Édipo, onde o filho, ou seja, alguma coisa que é também uma função, e correlativa dessa função do pai, vai tomar forma, com tudo o que isso comporta, parece, se nossa experiência existe, de essencial para o acesso ao tipo de virilidade, bem, o que é que se passa se — isso é pensável — um certo déficit, um certo buraco, uma certa falta se produz em alguma parte?”³⁵

³¹ Aula de 25.01.56.

³² Ed. p. 117.

³³ Aula de 21.05.56 e ed. p. 195.

³⁴ Ed. cap. XV.

³⁵ Aula de 18.04.56 e ed. p. 230.

Seria fastidioso enumerar todos os déficits, buracos e faltas que a reescritura do Seminário introduz: que aqueles que cercam você façam uma vez mais eles próprios a experiência: entretanto, parece-me que, do ponto de vista analítico, admirar-se-ão que, precisamente, todas essas formulações concernentes ao problema crucial da função paterna sejam aquelas que têm sido o objeto do maior número de supressões, distorções. Mas, evidentemente, o que está forcluído de um texto está forcluído e esperto será quem o achar! No caso, dispúnhamos, felizmente, do texto de partida, por insatisfatório que fosse. Então, nos reencontramos com uma edição oficial de onde surge a questão: como forcluir o texto de partida? Soube, aliás, por seu jornal que os homens da lei têm sido empregados; em diversas ocasiões, acredito compreender.

Você se cansaria de salientar em cada um dos lugares onde Lacan fala do pai, no conjunto do Seminário, as modificações operadas. Assim, o que Lacan diz, concernente ao paciente de Eissler: “Função do pai, aquilo a que ele não chega precisamente jamais³⁶ está reduzido à “função de pai³⁷: fantasma de pai absoluto, ideal, morto?

E ainda: “É o engendramento do espírito do pai³⁸ que produz “o engendramento do espírito pelo pai³⁹. O Pai seria, então, como o célebre rabino de Praga, o Maharal, que dá vida ao Golem? Quando Lacan diz: “Se “Eu sou um pai” tem um sentido absolutamente fundamental, “Eu sou um pai concreto” tem um sentido absolutamente problemático⁴⁰ se torna: “Se “Eu sou um pai” tem um sentido, é um sentido absolutamente problemático⁴¹. Vai daí que se, atrás da formulação “Eu sou um pai”, o único registro que perfila é aquele da estátua do Comendador, como a cadeia das gerações poderia se sustentar de maneira por pouco que seja, pacificada?

Disso, você poderá encontrar confirmação na reescritura quase inteira da última aula do ano, logo que essa questão do pai tinha sido um pouco maltratada nos capítulos precedentes, em particular, quando se trata da função do pai como tal na procriação⁴². Quais as razões de tudo isso? Talvez, se se é cuidadoso, dar-se-á seu valor a essa outra passagem elidida: “Eu sou o filho de meu pai e dizer, ao mesmo tempo meu pai é meu filho, isso não tem o mesmo sentido, basta inverter a frase⁴³: o exemplo é trazido por Lacan na sequência da evocação dos efeitos diferentes de uma leitura não dentro da

³⁶ Aula de 14.02.56.

³⁷ Ed. p. 192.

³⁸ Aula de 25.04.56.

³⁹ Ed. p. 240.

⁴⁰ Aula de 13.6.56.

⁴¹ Ed. p. 318.

⁴² Comparar ed. p. 201 e aula de 21.02.56.

⁴³ Aula de 07.12.56.

ordem, mas ao inverso, como suscetível de engendrar uma “confusão muito grave”. Procure, então, a frase que lhe cito⁴⁴. Você aí encontrará o termo de confusão, mas depois... A Bíblia comporta alguns exemplos onde, em um face a face dual, o filho acaba por fazer a lei ao pai. Observe que explicaria, então, um outro rebuliço sob a forma, lá ainda, de um fragmento apocópado: “O caráter de signos indefinidamente repetidos que toma o fenômeno persecutório, e o perseguidor, na medida em que é seu suporte, é alguma coisa que designa o enigma, a saber o que se torna o outro; o parceiro no curso da transformação se torna sombra do objeto perseguidor”⁴⁵. Sublinhei o que desaparece⁴⁶. Você não acha isto instrutivo? As histórias onde um enigma está designado, onde se pergunta o que o outro se torna, e então quem se transforma em quem ou em quê?

Confesso-lhe: sou partidário de uma psicanálise alegre. Demonstro-lhe: tome esta frase que foi suprimida: “Eu dou a esta frase surpreendente seu sentido”⁴⁷. Do que, em sua opinião, ela é seqüência? Bem, ingenuamente, disse aqui: “A propósito da *Verwerfung*, Freud diz que o sujeito não queria saber nada da castração mesma, no sentido do recalçamento”; caso em que um leitor se deixaria muito prender pelo sentido de certas elisões ou modificações. E você vê como insiste a temática de uma dúvida que põe a questão de como pagá-la.

Uma vez mais, uma leitura cuidadosa mostrará como se apaga o nome de Freud: alguns instantes depois, Lacan enunciava: “É sempre pelo que se segue que é necessário compreender um texto.” Ora, justamente depois, o que está suprimido é a insistência de Lacan concernente à *Verwerfung*, que formula este fragmento igualmente faltante, “e no entanto, em uma primeira etapa, Freud não viu nada menos que a chave da diferença que há entre a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia”⁴⁸.

Eu poderia alongar minha lista sem cessar. Meu fichário está suficientemente cheio. Minha tendência é considerar a versão como um “testemunho encoberto” que, para parafrasear Lacan, “a chave está talvez inteiramente no que ele diz”⁴⁹.

Clínica

Eu lhe havia assinalado que os parágrafos tocantes à clínica eram aqueles que haviam sido especialmente maltratados. Essencialmente, dize-

⁴⁴ Ed. p. 66.

⁴⁵ Aula de 18.01.56.

⁴⁶ Ed. p. 104.

⁴⁷ Aula de 15.02.56 e ed. p. 170.

⁴⁸ Aula de 15.02.56 e ed. p. 170.

⁴⁹ Aula de 11.01.56.

mos que foram objeto de uma depuração, como se fossem supérfluos, como se o cuidado que, justamente, Lacan tomava para levar certas questões não fosse parte essencial, não somente de seu percurso de ensino, mas, igualmente, testemunho da relação que Lacan poderia ter com aqueles que ele tinha cuidado. Você conhece melhor que eu essa que era sua maneira de questionar os fenômenos em seus pacientes, o modo sob o qual as coordenadas de sua vida se presentificavam a eles: ou seja, essa dimensão decisiva sobre a qual, você me disse um dia, ele insistia sempre, onde a psicanálise deve restituir a continuidade do discurso consciente. Você, igualmente, me fez observar que seu percurso de clínico, do qual ele dava testemunho público em sua apresentação de doentes, era estritamente homóloga a seus procedimentos de ensino. Ora, é eletivamente tudo isso que é raspado e freqüentemente excluído do livro que tenho em mãos. A lição de 30 de novembro de 1955 comportava isso, que desaparece: “É alguma coisa sobre a qual meu discurso hoje vai incidir, para que tentemos isolar nessa dupla questão da significação da psicose, por um lado – entendemos do dizer psicótico –, e do mecanismo da psicose, por outro. Saber como um sujeito entra na psicose é tão importante quanto a primeira; vou tentar lhes mostrar por qual acesso vou levá-los e como me parece que só essa via de acesso pode permitir situar realmente as questões sem essa confusão que sempre se mantém nos diferentes níveis de nossa explicação, mesmo psicanalítica do delírio.”

Pelo menos estamos surpresos que a questão central do desencadeamento de uma psicose, do delírio psicótico, do mecanismo da psicose, sobre a qual Lacan faz incidir toda a sua insistência, seja de saída eliminada, lá onde ele tenta lutar contra a confusão que reina na psicanálise. Aliás essa mesma observação vale para essa forma abreviada que faz dizer “essa localização se faz, então, em função de uma compreensibilidade suposta”⁵⁰, maneira de desorientar o desenvolvimento subsequente de Lacan: “Pode-se já observar que unicamente essa localização do fenômeno em função de uma espécie de compreensibilidade suposta é que ele poderia aí ter uma continuidade, que se chamaria de idéia, é dizer que a seqüência dos fenômenos, do modo pelo qual lhe indiquei o paranóico com seu desenvolvimento delirante, seria alguma coisa considerada óbvia, de sorte que há já uma espécie de primeira referência à compreensibilidade e quase para determinar o que justamente se manifesta, para fazer uma ruptura na cadeia, e se apresenta justamente como um caso hiante, alguma coisa de incompreensível é alguma coisa que não se une agora com o que se passa depois”⁵¹.

Seguramente o caráter falado dá um aspecto bastante difícil em seguir formulações. Elas merecem o esquecimento, quando Lacan coloca aí toda a

⁵⁰ Ed. p. 14.

⁵¹ Aula de 16.12.56.

sua energia para contrabalançar os lugares-comuns no mundo psiquiátrico e psicanalítico a respeito do que era tido como óbvio, participando ao mesmo tempo, contudo, da psicologia mais corrente?

Não se surpreenderão, então, que tal parágrafo onde Lacan se fundamenta sobre as relações da “experiência de nossos doentes” com a elaboração estrutural seja apagada. “O que a *experiência* de nossos doentes *implica*, uma etapa primitiva...⁵² se torna “(...) desde que falo do ponto de vista genético, não tenho, aliás, que justificá-lo na experiência. Há necessidade estrutural de colocar...⁵³, pelo viés, nos parágrafos considerados, de uma redistribuição dos termos e formulações (prática corrente em toda essa edição). Ora, Lacan af opunha o ponto de vista genético que quase nunca pede justificação da experiência, à experiência clínica que impõe uma necessidade de localização estrutural.

No mesmo procedimento, então, você verá desaparecer diversas redundâncias, sem dúvida consideradas supérfluas, mas que têm o mérito de delinear autenticamente a atmosfera subjetiva onde Lacan engajava seu trabalho. Do gênero “que essa espécie de avanço, de exploração, de penetração da zona interdita no psicótico, que ele nos confia em alguma parte do início de um dos capítulos de seu livro”⁵⁴ e que se procurará em vão⁵⁵. Então, isso faz verdadeiramente uma zona interdita. Também completamente supérflua será considerada uma observação como esta: “Em uma palavra, todos os elementos como o caráter profundamente significativo da relação imaginária, a precipitação imediata das tendências que colocam a questão das tendências instintuais do sujeito, de uma homossexualidade latente, real mesmo, e acompanhada de todas as espécies de elementos regressivos que o observador valoriza, é alguma coisa que, por assim dizer, se organiza e dá sentido, seu contorno geral, a isso que é observado. Observemos as coisas de perto”⁵⁶. Por que seria necessário eliminar o acento colocado sobre a necessidade de observar, e dê mais perto, o que se organiza e dá seu contorno geral a isso que é observado? Quem pode querer dos leitores que não observam as coisas de muito perto?

Igualmente você verá suprimido o laço com o auditório, aquele a quem Lacan, na época, se dirigia, como o lugar onde ele falava: “Trata-se do discurso que fiz em Viena, onde consideram que eu o tenha feito, na clínica psiquiátrica do Dr. Hoff, *que corresponde exatamente à clínica psiquiátrica daqui*”⁵⁷. Ora, Lacan nesse tempo tinha seu Seminário – aí compreendido

⁵² Aula de 15.02.56.

⁵³ Ed. p. 169.

⁵⁴ Aula de 15.02.56.

⁵⁵ Ed. p. 165.

⁵⁶ Aula de 14.02.56 e ed. p. 190.

⁵⁷ Aula de 21.12.55 e ed. p. 83.

aquele desse dia – como sua apresentação de doentes no Serviço do Dr. Delay.

Em suma, esse desejo de Lacan que era sua enunciação, e que vale tanto para o analista como para o analisante, se encontra desde então em um estado lastimável: não se fala em qualquer lugar ou a qualquer um. O que dá um som curioso a essa variante: “Possibilidade no interior do recalque de se livrar dele”⁵⁸ de: “No interior do recalque, o desejo de se livrar dele”⁵⁹, pois Lacan não ignorava que a análise era uma chance que colocava em jogo para cada um seu desejo de sair da besteira. Creio, igualmente, compreender que a conjunção do recalque e do desejo concerne o mais exatamente possível a isso que para cada um funda sua realidade, tal como a análise pôde, enfim, situar as coordenadas.

Estranho apagamento, portanto, ler “o dito princípio de realidade”⁶⁰ pejorativo, além disso, para a análise, lá onde Lacan formulava “o que na análise se chama o princípio de realidade”⁶¹. Tratar-se-ia de arrebatado aos analistas seu campo? De sorte que haveria desde já a considerar que seria necessário incitar o autor desses desvios na direção do controle do que é a realidade analítica. Provavelmente ele não a ignora, já que, lá ainda, uma das passagens desaparece: “É preciso que se o empurre para que ele vá em direção ao controle quanto à realidade. Na verdade, não é preciso mesmo que se o empurre, ele também empurra nesse sentido, ele sabe muito bem que essa realidade está em causa”⁶².

Assim basta percorrer as passagens onde, nesse Seminário, é questão de certeza e aparência: elas estão regularmente remodeladas ou expurgadas: “Que se torna essa categoria da certeza”⁶³ desaparece. Na mesma aula⁶⁴: “O delirante que se isenta de toda referência real, *atravessa quase imediatamente a certeza em torno dos temas de seu delírio*, para que vocês compreendam a diferença entre um ciúme normal e um ciúme delirante...”⁶⁵. E ainda: “Da aparência e da não-aparência” que falta⁶⁶. Igualmente: “E mesmo uma certeza dessa significação, o sujeito está preocupado”⁶⁷. É necessário, então, considerar que nós estaríamos aí em um caso de apagamento dos traços? Lá onde eu encontro “são as almas, a maior parte das almas, e quanto mais isso é assim mais são no final das contas os mortos”⁶⁸, Lacan havia di-

⁵⁸ Ed. p. 101.

⁵⁹ Aula de 11.01.56.

⁶⁰ Ed. p. 97.

⁶¹ Aula de 11.01.56.

⁶² Aula de 11.01.56 e ed. p. 88.

⁶³ Aula de 11.01.56.

⁶⁴ Ed. p. 87.

⁶⁵ Ed. p. 89.

⁶⁶ Ed. p. 93.

⁶⁷ Ed. p. 100.

⁶⁸ Ed. p. 112.

to: "A maior parte das almas é dos mortos. Pouco importa que eles permaneçam lá algumas vezes, que se os reencontre, que eles mostrem sua aparência; não são senão aparências, substitutos..."⁶⁹. Em uma palavra, foi suprimido o que incide, a partir da morte do sujeito, sobre o efeito de aparência e de substituto.

É necessário ver, aí, a marca oculta do que, na época da transcrição desse Seminário, se produz entre um Lacan tomando o caminho das almas mortas e o que se substitui a ele, jogando sobre a aparência e a não-aparência? Compreende-se, então, o que nesse Seminário tem valor de apagamento de traços e de incertezas concernentes às questões de onde se opera o julgamento: como, enfim, realizar uma boa trapaça.

A esse respeito, observamos que desaparece igualmente aqui: "A contrapartida que se pode dizer que é absolutamente essencial, aquela na qual se passa, então, tudo o que é uma relação erótica, se não queremos aí nos engajar de repente, imediatamente, patética, tudo isso sobre o que incide a luta, o conflito de Schreber, tudo o que verdadeiramente lhe importa, tudo isso ao que ele está exposto, tudo isso do que ele é objeto, a saber os raios divinos com seu imenso desenvolvimento, é aí que está sua certeza e é aí o ponto onde vou concluir e introduzir a aula da próxima vez, onde se encontra, sob uma forma, ela também composta, mas também decomposta com uma riqueza extraordinária, todo o domínio da linguagem, aí vocês encontram o ponto máximo da palavra"⁷⁰. Curiosa elisão que concerne ao ponto vivo, essencial do conflito de Schreber, conflito erotizado com a divindade. Por que tal elisão?

Enfim, para quem ainda duvida do que se trama do lado da existência e do duplo, escutemos esse pedaço igualmente desaparecido: "Dito de outro modo, por que há no mundo dois indivíduos que reúnem o mesmo tipo e que, conseqüentemente, em uma certa perspectiva podem passar por ser de duplo emprego. É uma perspectiva tão espacial quanto qualquer outra, e aí ainda, para levantar a questão, é necessário colocar o princípio da prioridade das essências como justificativa da existência"⁷¹.

Esses embaraços do redator, qualquer que seja sua razão, não são isentos de certas conseqüências desde que se trate de ter clara a função do outro ou do Outro, pois, não esqueçamos, é da relação *a-a* no esquema L, que surge a questão da marionete e do duplo quando *A* está excluído e que a presença de *A* no circuito é necessária para que haja a verdadeira palavra; e sem essa distinção pode certamente haver nisto existência, mas não da verdadeira palavra. Ora, salientemos esse outro fragmento: "Desde que o sujeito

⁶⁹ Aula de 18.01.56.

⁷⁰ Aula de 18.01.56 e ed. p. 115.

⁷¹ Aula de 08.02.56 de ed. p. 147.

fala, há Outro com *A* maiúsculo"⁷², enquanto que Lacan havia desenvolvido: "Desde que o sujeito fala pode aí haver existência, a manifestação do sujeito enquanto que falante, ou seja, falando não ao outro com a minúsculo, ou do outro com a minúsculo, mas falando do Outro com *A* maiúsculo"⁷³. A distância entre um "há" e um "pode aí haver" muda a face do mundo, quando concerne à questão do Outro. Singular vacilação essa que vai da existência à questão de um outro ao Outro.

Ora, os exemplos não faltam onde, justamente, essa questão do outro está maltratada. Está esquecida: (o grande Outro) nós não o identificamos, nós o situamos em alguma parte além do pequeno outro, é por isso que nós lhe damos um *A* para distingui-lo"⁷⁴. Esquecer uma das formulações justificando o *A* não ajudará certamente a identificá-lo nem a distingui-lo. E quando Lacan insistia sobre a maneira de abordar o Outro no diálogo, ele dizia: "Esse tu que é uma espécie de enganchamento do Outro no discurso"⁷⁵, se torna: "Esse tu que é um enganchamento no discurso"⁷⁶, onde a dimensão do Outro está excluída do circuito. A redação estando desse modo ordenada, de onde o sujeito poderá bem se orientar na relação agressiva? Por ora, tenho tentado inutilmente encontrar vestígio de "isto não pode deixar de atingir e eu diria mesmo de manter esse estado de elaboração se se pode dizer elementar, sem aprofundar mais isso que é essa relação agressiva, qual modo particular, ela toma no registro humano, temos aí alguma coisa de incontestável..."⁷⁷. A partir daí, muitos fragmentos deverão ser censurados: "Os dois, benevolência e malevolência, podem mesmo permanecer em uma ambigüidade total a propósito de um fenômeno particular"⁷⁸. Em seguida (13 de junho de 1956 e ed. p. 309), outra longa passagem desaparece tendo relação com a boa e má-fé do Outro. Depois (sempre 13 de junho de 1956 e ed. p. 315) um outro pedaço que comentava: "Eu sou aquele que quer o bem e que faz sempre o mal", "Eu sou a mulher que não lhe abandonará" igualmente elididos.

Das ambigüidades, sob o pretexto da clarificação, às censuras, censuras e ambigüidades obrigatoriamente se sucedem com sua lógica própria.

"Esse deus então, que é despertado para ele, o que é? É de início presença, mas creio que na análise dessa presença, disso que é função dessa presença, nós podemos começar aí a ver ou aí a reconhecer alguma coisa, acreditamos em seu propósito, há pouco em uma confusão que os espíritos não cultivados fazem, das múltiplas encarnações que têm na matéria, isso são

⁷² Ed. p. 52.

⁷³ Aula de 30.11.55.

⁷⁴ Aula de 15.02.56 e ed. p. 167.

⁷⁵ Aula de 27.06.56.

⁷⁶ Ed. p. 337.

⁷⁷ Aula de 18.01.56 e ed. p. 107.

⁷⁸ Aula de 11.01.56.

coisas que vemos principalmente acontecer nos domínios tão diferentes da psiquiatria, para poder se engajar em uma via de analogia no que se passa ao nível do patológico e ao nível do normal, acabando por misturar tudo, então é necessário ser prudente”, frase seguramente muito obscura, resumida em duas linhas: “Esse Deus, então, quem é revelado a ele, qual é? Ele é de início presença. E seu modo de presença é o modo falante”⁷⁹

E sempre sobre a relação de Deus enquanto que sujeito falante: “Visto que estamos limitados hoje à relação de Deus enquanto sujeito falante, e enquanto interlocutor essencial, nós deteremos af e vocês verão o passo seguinte, a saber o que podemos entrever a partir do momento onde analisaremos a estrutura mesma dessa pessoa divina, ou, dito de outra maneira, também a relação de todo o conjunto da fantasmagoria com o próprio real, na medida em que o sujeito mantém a todo instante a sua presença e o acordo, ao menos ao fim de seu delírio, de uma maneira que não tem nada de especialmente perturbado nesse modo de relação”⁸⁰.

Como na citação precedente, constatar-se-á que é questão de presença e que, conseqüentemente, excluindo esses parágrafos, é igualmente o termo de presença do interlocutor que é eliminado. Confirmando: “Mas ele permite ainda toda espécie de abuso, na verdade desses abusos, surgiram abusos tão maiores que no fim o remédio acaba por se tornar pior que o mal. Visto que a presença divina está tão engajada em uma espécie de conjugação com ele próprio que, finalmente, ela se torna dependente de seu objeto que não é outro senão o próprio presidente Schreber. No final das contas, há af alguma coisa que progressivamente introduz uma espécie de perturbação na ordem universal”⁸¹.

Parágrafo desaparecido que iniciava sobre casos de abuso. Mas estamos agora habituados a essas espécies de abusos de transcrição das quais surgem abusos tão maiores que no fim o remédio acaba por se tornar pior que o mal.

O peso das palavras

Como sempre, o problema é de se concordar sobre isso a que se dá peso, no tocante mais às palavras que aos aspectos. Insistirei, então, sobre certas insistências lacanianas. Assim, tomemos em série certas elisões sistemáticas bem próximas de certos desconhecimentos sistemáticos. Eles concernem, todos, à importância do significante: “De início, há uma modificação que se produz no significante: o significante apresenta espécies de fe-

⁷⁹ Aula de 1.02.56 e ed. p. 141.

⁸⁰ Aula de 1.02.56 e ed. p. 145.

⁸¹ Aula de 01.02.56 e ed. p. 142.

nômenos do tipo de precipitação, entorpecimentos súbitos de alguns de seus elementos que justamente lhe dão peso, a força de inércia que tomam de uma maneira surpreendente no sistema das estruturas, no conjunto sincrônico da língua enquanto que dados”⁸².

E, na mesma aula: “Esse livro assinala as palavras que tomaram esse peso do qual se pode dizer que já dissociam, rompem o conjunto do sistema significante como tal”⁸³.

Visto que Lacan nos fala de um livro cujo autor nos assinala palavras que tomam peso e que rompem o conjunto do sistema significante como tal, não hesitamos em aplicar à transcrição o método que emprega Lacan: o que nos permite avançar que eis aqui uma transcrição que rompe o conjunto de um sistema significante como tal, e nos perguntar – por cada leitor – a razão das relações que um sujeito pode manter com a realidade de texto como aquele de Lacan: “Esse peso que tomam certas palavras...”⁸⁴ desaparece, como: “É necessário nos darmos conta da dimensão que podemos invocar no conjunto, a alienação verbal, da importância enorme em um ponto que é um estado avançado do delírio...”⁸⁵.

Não é seguramente de pouca importância que o que foi evacuado participa do conjunto do que Lacan coordena, e que – além disso – o termo mesmo de conjunto esteja igualmente subtraído.

Eu desconfiaria de minha leitura se as redundâncias, repetições, ladainhas* diversas não me parecem oferecer senão pouco interesse. Ora é ao que tenho sido erético, para restituir sua importância a essa outra observação, censurada, de Lacan (supérflua? Mas então?) “Eh, bem, a “ladainha” é uma parte que ele concebe como uma dimensão essencial do comentário do qual ele é o sujeito perpétuo”⁸⁶. Não é, sem dúvida, excessivo considerar que em suma, aqui como em qualquer lugar, é a enunciação de Lacan que está aviltada juntamente com a maneira pela qual ela pode solicitar aquela de seus auditores e leitores. Tínhamos já constatado a propósito disso que concernia à questão do Outro. Diversos aspectos testemunham isso. Assim, “a frase interior não persiste menos”⁸⁷ que se torna “a frase não persiste menos”⁸⁸: apenas por acaso o leitor teria idéia de que há frases interiores; isso poderia fazer obstáculo ao que visa a uma tal transcrição: para ter idéia disso, o lei-

⁸² Aula de 07.12.55 de ed. p. 66.

⁸³ Aula de 07.12.55 e ed. p. 67.

⁸⁴ Aula de 11.01.56 e ed. p. 101.

⁸⁵ Aula de 25.01.56 e ed. p. 122.

* Serinages: *De seriner*, no original. Ensinar, colocar na cabeça de alguém (uma lição, uma música) repetindo-a incansavelmente. (Cf. *Le Petit Robert Dictionnaire*). Forçamos a tradução no sentido mais popular do termo. (*N. da T.*)

⁸⁶ Aula de 18.01.56 e ed. p. 246.

⁸⁷ Aula de 25.01.56.

⁸⁸ Ed. p. 128.

tor pode, por exemplo, se perguntar o que motiva a transcrição de "...buraco e ruptura, e que aí, é o fantástico que vai ser convocado a preencher a hiância"⁸⁹ em "buraco, ruptura, rasgo, hiância"⁹⁰.

Provavelmente, o que havíamos previamente determinado como trapaça confere muito bem com a censura dirigida sobre "o fantástico destinado a preencher a hiância". Objetar-me-ão, evidentemente: não é senão supressão de uma redundância, Lacan havia, por duas vezes, falado de fantástico e de buraco há alguns instantes atrás.

Compreende-se, então, pelos modos que nos apresenta uma tal versão, que participa da exclusão subjetiva daquele que fala como daquele que es-cuta, que uma expressão como "causa final que nos repugna e da qual fazemos uso sem cessar"⁹¹ se torna "a idéia de causa final repugna à ciência"⁹², o que, excluindo completamente a dimensão do sujeito, permite a astúcia imputando a estupidez à ciência. Tratando-se da questão da causa, sobre a qual Lacan insistiu durante muito tempo, o deslocamento do que nos repugna para o que repugna a ciência não deixa de nos ofender.

Menção especial deve ser feita, nessa edição, a um fenômeno particular: ela comporta fragmentos reacrescentados! Assim: "Quando se recebe uma bofetada, existem muitas outras maneiras de responder do que chorando. Pode-se, também, devolvê-la e também oferecer a outra face, pode-se também dizer – Bata, mas escute"⁹³. Tratando-se de um reacrescimento, cabe a cada um o cuidado de se perguntar de qual bofetada e de qual resposta se trata.

Últimas palavras: como não sentir senão que haja em tudo isso traço dessas questões tão graves, concernentes ao que, em um vivente, já se cada-veriza e não deixa aparecer senão os restos de vida que o mantém. Todos aqueles que tiveram conhecimento como convém destes últimos anos duvidarão disso muito pouco. Para provar: lá onde Lacan fala de "restos de vida que é um cadáver"⁹⁴ foram suprimidos vida e cadáver e os parágrafos seguintes foram reescritos⁹⁵. É Lacan que ensinara outrora que o gozo perverso se suporta de um ideal de objeto inanimado. "Que razões poderia haver para colocar esses restos em uma muralha de pedra"⁹⁶: essa questão foi volatizada.

Bem, caro Hyacinthe: poderia multiplicar à vontade as referências e a sistematização que elas permitem na reflexão sobre a edição desse Seminário

⁸⁹ Aula de 07.12.55.

⁹⁰ Ed. p. 56.

⁹¹ Aula de 11.04.56.

⁹² Ed. p. 211.

⁹³ Ed. p. 15 e aula de 16.12.55.

⁹⁴ Aula de 18.01.56.

⁹⁵ Ed. p. 11.

⁹⁶ Aula de 18.01.56.

de primeira importância. Além do peso, suficiente para —, que não valeria senão como um trabalho de erudição —, a pena me cairia das mãos.

Se você quisesse considerar essa carta como uma contribuição ao *Discurso psicanalítico*, eu ficaria contente.

Que a paz esteja com os seus.

Elie.

P.S. Um de meus interlocutores habituais, embora compartilhe da opinião que lhe dirijo, exagerando seu ceticismo normal: "Você exagera, mesmo assim!" Vou então exagerar. Envio-lhe, aqui acrescentado, um anexo, não ou pouco comentado, de alguns pequenos pontos comparativos suplementares.

I. 1) *16 XI 55*. "Eis mais ou menos, eu não forço nada, a situação em que estávamos na França, eu não digo acompanhando as concepções de Sérieux e Capgras, porque se vocês lerem, vocês verão que lá, ao contrário, trata-se de uma clínica muito fina que permite precisamente reconstituir as bases e os fundamentos da psicose paranóica tal como ela está efetivamente estruturada, mas antes acompanhando a difusão da obra na qual, sob o título de *Constituição paranóica*, Genil-Perrin fez prevalecer essa noção caractereológica de anomalia da personalidade, constituída essencialmente em uma estrutura que se pode muito bem qualificar, tanto mais que o livro leva a marca e o estilo dessa inspiração, de estrutura perversa do caráter..."

I. 2) *Ed. p. 13*. "...quando o paranóico era por demais paranóico, ele acabava por delirar. Tratava-se menos de uma concepção que de uma clínica, aliás muito fina.

"Eis mais ou menos, eu não forço nada, a situação em que estávamos na França, acompanhando a difusão da obra do Sr. Genil-Perrin, sobre a *Constituição paranóica*, que havia feito prevalecer a noção caractereológica de anomalia da personalidade, constituída essencialmente pelo que se pode qualificar — o estilo leva a marca dessa inspiração — de estrutura perversa do caráter".

Onde a clínica de Genil-Perrin, detestável, se vê imputada das qualidades de Sérieux e Capgras; enquanto que os nomes desses últimos desaparecem...

II. 1) *16 XI 55* "A noção de automatismo mental está aparentemente polarizada na obra de Clérambault, em seu ensino, pelo cuidado de demonstrar o caráter fundamentalmente anidético, como ele se exprimia, ou seja, não conformado a uma seqüência de idéias — isso não tem muito mais sentido no *discurso desse mestre* que a seqüência de fenômenos no desenvolvimento ou evolução da psicose."

II. 2) *Ed. p. 14.* “A noção de automatismo mental está aparentemente polarizada na obra e no ensino de Clérambault pelo cuidado em demonstrar o caráter fundamentalmente anidético, como ele se exprimia, dos fenômenos que se manifestam na evolução da psicose, o que quer dizer não conforme a uma seqüência de idéias – isso não tem muito mais sentido, ai! que o discurso do mestre.”

A propósito do automatismo mental:

III. 1) *15 II 56.* “(...) É uma fantasia que fala, ou mais exatamente é uma fantasia falada desse personagem que faz eco aos pensamentos do sujeito, que intervém, que o vigia, que nomeia ao mesmo tempo e proporcionalmente a seqüência de suas ações, que as *comenta...*”

III. 2) *Ed. p. 165* “(...) É uma fantasia que fala, ou mais exatamente, é uma fantasia falada. É no que esse personagem que faz eco aos pensamentos do sujeito intervém, o vigia, nomeia, ao mesmo tempo e proporcionalmente, a seqüência de suas ações, *as comanda...*”

Certas cópias em circulação comportam efetivamente “comanda”. Tratando-se de automatismo mental (ecos e comentários) a retificação vem por si.

IV. 1) *7 XII 55.* “(...) É totalmente nessa medida que vocês mantêm que há nesse sujeito que vocês chamam em seu jargão, a parte sã de sua personalidade, é bem enquanto que ela fala *do* outro, que ela é capaz de zombar dele, que ela existe como um sujeito”.

IV. 2) *Ed. p. 49.* “Isso que vocês chamam, em seu jargão, a parte sã da personalidade, resulta do que ela fala *ao* outro, que é capaz de zombar dele. É por isso que ela existe como sujeito.”

V. 1) *21 XII 55.* “Lá nós o encontramos em seu estado desenvolvido, é um dos interesses da análise do delírio como tal, é sempre o que têm sublinhado os analistas, ou seja, que ele mostra o que se chama o jogo dos fantasmas em caráter absolutamente desenvolvido, de duplicidade, ou seja, *esses dois outros* aos quais se reduz o mundo, no presidente Schreber são feitos um com relação ao outro, pois é ao máximo que um oferece ao outro sua imagem invertida...”

V. 2) *Ed. p. 101.* “Nós o encontramos aqui em seu estado desenvolvido, e é um dos interesses da análise do delírio como tal. Os analistas sempre o têm sublinhado, o delírio mostra o jogo dos fantasmas em seu caráter absolutamente desenvolvido de duplicidade. *Os dois personagens*, aos quais o mun-

do se reduz para o presidente Schreber, são feitos um em relação ao outro, um oferece ao outro sua imagem invertida.”

VI. 1) *16 XI 55.* “É absolutamente claro que a triplicidade essencial, ao menos no primeiro plano que isto implica no sujeito, é alguma coisa que está bem sem nenhuma dúvida, bem entendido, o eu (*moi*) do sujeito, fala e pode falar do sujeito normalmente a um outro em terceira pessoa, e falar dele, falar do S do sujeito. Isto, na perspectiva da estruturação do sujeito fundamental e de sua palavra, não tem nada de absolutamente explícito, senão compreensível.

“Como toda uma parte dos fenômenos das psicoses está englobada nisto, que de uma maneira extremamente paradoxal e exemplar ao mesmo tempo, o sujeito do mesmo modo que Aristóteles observava: “não convém dizer que a alma pensa, mas o homem pensa com sua alma”, fórmula da qual já se está longe, visto que, principalmente, acredito que estamos mais próximos do que se passa dizendo que aqui, o sujeito psicótico quando aparece no real, quando aparece com esse sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, sua forma, a mais característica da alucinação, *o sujeito literalmente fala com seu eu (moi)*, é alguma coisa que não reencontramos jamais de uma maneira plena.

VI. 2) *Ed. p. 23.* “Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que recobre o fato que é o seu (*moi*) do sujeito que fala normalmente a um outro, e de sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa. Aristóteles observava que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com sua alma. *Do mesmo modo digo que o sujeito se fala com seu moi.*”

VII. 1) *Ed. p. 337.* “*O TU N’AS QU’Á**... não tem valor de *redução* dessa alguma coisa que permitiria algumas observações semânticas muito esclarecedoras.”

VII. 2) *27 VI 56:* em lugar de *redução*, é reflexão que se encontra.

VIII. 1) *7 XII 55.* “(...) quando isso do que se trata é a famosa pulsão homossexual que nossa teoria coloca na base do delírio”.

VIII. 2) *Ed. p. 57.* Fragmento elidido.

IX. 1) *11. I. 56.* “É que quando uma pulsão, digamos feminina ou *passivante*, aparece em um sujeito para que a referida pulsão já tenha sido colocada em jogo em diferentes pontos de sua simbolização prévia...”

* Você só precisa...

IX. 2) *Ed. p. 100.* “Quando uma pulsão, digamos feminina ou *pacificante*, aparece num sujeito para o qual a referida pulsão...”

X. 1) *18. I. 56* “Dito de outro modo, quando o macho do carapau não sabe o que fazer no plano do que é sua relação normal com seu semelhante do mesmo sexo, quando ele não sabe se é necessário atacar ou não atacar, *ele se põe a fazer alguma coisa que ele faz quando se trata de fazer amor.*”

X. 2) *Ed. p. 109.* “Dito de outro modo, quando o carapau macho não sabe o que fazer no plano de sua relação com seu semelhante do mesmo sexo, quando ele não sabe se é necessário atacar ou não, *ele se põe a fazer alguma coisa que ele faz enquanto se trata de fazer amor*”.

XI. 1) *11 I 56.* “Trata-se de um assassinato, não há traços, alma, por outro lado, *falar de uma alma com certeza não é tampouco muito comum*, saber distinguir o que é alma e tudo o que se aplica em torno dela, distingui-la com tanta certeza, é também alguma coisa que não é dada a todos, e que parece dada justamente a esse delirante com um caráter de certeza que dá a seu testemunho um relevo essencial.”

XI. 2) *Ed. p. 88.* “*O que é que pode ser isso, assassinar uma alma?* Por outro lado, saber distinguir a alma de tudo o que se aplica a ela, não é dado a todos, mas o é a esse delirante com um caráter de certeza que confere a seu testemunho um relevo essencial”.

XII. 1) *Ed. p. 208.* “*Extrair uma lei natural, é extrair uma fórmula insignificante*”.

XII. 2) *11 IV 56:* “(...) fórmula *significante*”.

XIII. 1) *20 VI 56.*

”Tu és aquele que me... naquele dia
Tu és aquele que me... através das provas
Tu és aquele que me... a lei... o texto
Tu és aquele que.. a multidão

“Não creio que isso seja mais vão que enumerar por lista e categoria os sintomas de uma psicose, é outra coisa e creio que isso é o prévio talvez indispensável, ao menos para o ponto de vista que vamos escolher.

“A diferença que há entre tu és aquele que me segue* melhor e tu és aquele que me segue** como um cachorrinho está aí para nos permitir iniciar os exercícios que seguem, o que convém colocar nos brancos”.

* e ** Aqui há um jogo entre a segunda e terceira pessoas do verbo seguir (*suivre*): *Tu suis e il suit*, respectivamente. *Suis* também é a 1ª pessoa do verbo *être* (ser ou estar). (*N. da T.*)

XIII. 2) *Ed. p. 321*

“Tu és aquele que me seguias naquele dia
Tu és aquele que me seguia através das provas
Tu és aquele que segues a lei, o texto
Tu és aquele que segue a multidão”

Notar-se-á a passagem saltada pelo redator e os brancos preenchidos no exergo da aula.

Posfácio

O leitor terá compreendido, do que precede, que seria pouco oportuno querer colocar um ponto final. Este não teria valor senão de suspensão não colocando nenhum fim ao escrito, mas abrindo de preferência ao comentário.

Devo citar esse fragmento do Seminário de Jacques Lacan sobre "Os Problemas Cruciais da Psicandlise" (1964-1965), que, também ele, deverá esperar muito tempo antes de ser normalmente confiado aos trabalhadores que dele fariam o uso.

"Um sujeito é psicanalista, não quando sabe se fortificar atrás dessas categorias nas quais ele teria as gavetas para arrumar os sintomas psicóticos, neuróticos ou outros, mas por entrar no jogo significativo e é nisso que um exame clínico, uma apresentação de doente não pode, absolutamente, ser a mesma no tempo da psicandlise e anteriormente a ela – Deus sabe quando tenho a oportunidade de dizer da minha admiração por aquelas estrofes deslumbrantes de Kraepelin quando ele descreve suas formas de paranoia. A distinção é radical disso que, ao menos em teoria, é exigível da relação do clínico ao doente em sua primeira apresentação.

"Se o clínico que se apresenta não sabe que de uma metade do sintoma, – como acabo de articular lembrando a vocês esses exemplos de Freud, – que de uma metade do sintoma, é ele que tem a incumbência (...) sem essa segunda pessoa não haveria sintoma concluído.

"Aquele que não parte daí está condenado, como é o caso para a maior parte, a deixar a clínica psiquiátrica estagnar nas vias de onde a doutrina freudiana deveria fazê-la sair" (5.5.65). Terei eu tentado colocar algo diferente disso em ação? Não creio. A estagnação de que fala Lacan é um eufemismo. Acredito ter feito alguns esforços para atenuar o que, verdadeiramente, pode ser qualificado de regressão catastrófica.

Aqueles que nosso trabalho concerne julgar.